



***SAÚDE MENSTRUAL COMO TEMA GERADOR: CONTRIBUIÇÃO PARA
UMA EDUCAÇÃO MENSTRUAL COMO ESTRATÉGIA EMANCIPATÓRIA***

***SALUD MENSTRUAL COMO TEMA GENERADOR: CONTRIBUCIÓN A
UNA EDUCACIÓN MENSTRUAL COMO ESTRATEGIA EMANCIPATORIA***

***MENSTRUAL HEALTH AS A GENERATING THEME: CONTRIBUTION
TO MENSTRUAL EDUCATION AS AN EMANCIPATORY STRATEGY***

Barbara Kees Fernandes Faria¹

Adalberto Ferdnando Inocêncio²

RESUMO

A saúde menstrual entre jovens serviu como tema gerador para entender suas percepções sobre o assunto durante uma roda de conversa. A investigação objetivou sistematizar o conhecimento dos alunos sobre saúde menstrual, fundamentado no pensamento freireano. A metodologia consistiu na aplicação de questionários a alunos do ensino fundamental e do cursinho pré-vestibular, coletando dados sobre conhecimento, conforto e interesses relacionados à menstruação. A análise sugeriu que, embora haja avanço significativo quanto à abordagem restritiva da educação sobre saúde menstrual, persiste resistência ao diálogo familiar, evidenciando conflito geracional. Os resultados revelaram que a maioria dos alunos se sentiu confortável para discutir menstruação, indicando uma transição histórica quanto ao estigma do tema. As categorias conhecimento, conforto e curiosidade emergiram como predominantes nas respostas, refletindo maior abertura sobre o assunto. Assim, promover ações contínuas de sensibilização e diálogo é essencial para uma educação libertária centrada em formar indivíduos críticos que transformem seu entorno. **PALAVRAS-CHAVE:** Saúde e Educação. Paulo Freire. Práticas Pedagógicas.

RESUMEN

La salud menstrual entre las jóvenes sirvió como tema generador para comprender sus percepciones durante un círculo de conversación. La investigación tuvo como objetivo

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. E-mail: barbarakees@alunos.utfpr.edu.br

² Professor adjunto na Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR), campus Dois Vizinhos. Mestre e doutor (pelo Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: afinocencio@utfpr.edu.br

sistematizar los conocimientos de los estudiantes sobre la salud menstrual, basándose en el pensamiento freireano. La metodología consistió en aplicar cuestionarios a estudiantes de primaria y universidad, recogiendo datos sobre conocimientos, comodidad e intereses relacionados con la menstruación. El análisis sugirió que, aunque ha habido avances significativos en la educación sobre salud menstrual, persiste la resistencia al diálogo familiar, destacando el conflicto generacional. Los resultados revelaron que la mayoría de los estudiantes se sintieron cómodos hablando sobre la menstruación, indicando una transición histórica respecto al estigma del tema. Las categorías conocimiento, comodidad y curiosidad surgieron como predominantes en las respuestas, reflejando mayor apertura. Promover acciones continuas de sensibilización y diálogo es fundamental para una educación libertaria centrada en formar personas críticas que transformen su entorno.

PALABRAS-CLAVE: Salud y Educación. Paulo Freire. Prácticas pedagógicas

ABSTRACT

Menstrual health among young people served as a generating topic to understand their perceptions on the subject during a conversation circle. The investigation aimed to systematize students' knowledge about menstrual health, based on Freirean thinking. The methodology consisted of applying questionnaires to elementary school and college students, collecting data on knowledge, comfort and interests related to menstruation. The analysis suggested that, although there has been significant progress regarding the restrictive approach to menstrual health education, resistance to family dialogue persists, highlighting generational conflict. The results revealed that the majority of students felt comfortable discussing menstruation, indicating a historical transition regarding the stigma of the topic. The categories knowledge, comfort and curiosity emerged as predominant in the responses, reflecting greater openness on the subject. Therefore, promoting continuous awareness-raising and dialogue actions is essential for a libertarian education focused on training critical individuals who transform their surroundings.

KEYWORDS: Health and Education. Paulo Freire. Pedagogical Practices.

* * *

*[...] A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
Pois do nosso sangue-mulher
De nosso líquido lembradiço
Em cada gota que jorra
Um fio invisível e tônico
Pacientemente cose a rede
De nossa milenar resistência
Conceição Evaristo*

Introdução

A abordagem da educação menstrual crítica e transformadora é uma escolha político-educativa marcada pela ideia de que vivemos em uma sociedade caracterizada por desigualdades em diversos âmbitos, de modo que saúde e educação são setores

bastante significativos, resultado das escolhas históricas que se expressam da forma como nos relacionamos com a menstruação.

Nas últimas décadas, a educação menstrual como área de estudo amadureceu significativamente (Célia Sardenberg, 1994; Elsimar Coutinho, 1996; Maria Amaral, 2003; Maria Mundim; Milena Souza; Vitor Gama, 2021; Dayana Silva, 2022; Esther Viana, 2023). Isso trouxe consigo esforços educativos para evitar uma abordagem limitada e superficial do tema, que costumava ser tratado de maneira fragmentada e apenas quando solicitado em contextos educacionais convencionais. Em contraste com a abordagem restritiva, agora, busca-se abordar a educação menstrual de maneira mais abrangente e crítica, integrando-a ao contexto geral da saúde menstrual, de forma transformadora.

Desde os anos finais do século passado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) situam a Educação em Sexualidade (que engloba a menstruação) como uma temática a ser explorada na educação básica, de forma transversal, isto é, como tema que permeia todas as disciplinas escolares. Embora a ideia de tema transversal esteja relacionada a conteúdos sociais julgados imprescindíveis para a constituição do currículo das diversas áreas do conhecimento, as análises subsequentes evidenciam que foram as aulas de Ciências e Biologia que se tornaram espaços privilegiados para tratar questões relacionadas ao corpo humano, com foco na sexualidade e saúde (Fabiana Carvalho; Cláudio Bertolli-filho, 2011), adensando uma perspectiva higienista na abordagem da temática.

Durante muitos séculos, a menstruação foi um assunto considerado tabu nas sociedades ocidentais. Corpos que menstruaram foram excluídos de espaços sagrados e colocados em uma posição de passividade diante do conhecimento médico, a partir do século XIX (Elisabeth Vieira, 2002). Apesar de algumas iniciativas independentes terem surgido para promover a sensibilização sobre a Educação Menstrual, é notável a escassez de ações oficiais do Estado que realmente levam em conta e implementam o direito de menstruar, por exemplo, por meio da disponibilização gratuita de recursos para enfrentar esse período em todo território nacional (Silva, 2022).

A Educação Menstrual encontra na escola um espaço privilegiado para sua promoção, pois é a instituição obrigatória na qual os adolescentes passam grande parte do tempo, interagindo com colegas, formando laços sociais e ampliando seus conhecimentos. Durante essa fase da vida, é comum vivenciar as primeiras experiências afetivas, como se apaixonar e sentir admiração por alguém. A adolescência é marcada

pela puberdade, período de intensas mudanças hormonais e de rápido crescimento físico, que representa a transição da infância para a idade adulta (Silva, 2022). Dessa forma, justifica-se a escolha do tema, sem perder de vista o interesse do público alvo, que pode ganhar contornos por meio de rodas de conversa, nas quais a construção do conhecimento se faz de forma coletiva, em contraposição a uma perspectiva da “bula preventiva”, característica do documento supracitado, e “bancária” (Paulo Freire, 1987), para a qual o professor é o único detentor do saber, em detrimento de um aprendizado construído em conjunto, no qual saberes científicos e saberes populares se articulam em comunhão.

Assim, na construção de estratégias para a ação educativa menstrual, algumas possibilidades pedagógicas podem ser utilizadas. Uma dessas possibilidades, relacionadas ao tratamento dado aos temas de saúde menstrual, poderia ser articulada a partir do seguinte questionamento: quais possibilidades metodológicas seriam possíveis para abordar temas de menstruação no processo educativo?

Na perspectiva da educação menstrual crítica e transformadora, os temas de saúde menstrual não podem ser tratados como conteúdos curriculares da mesma maneira que na pedagogia tradicional, para a qual seriam vistos como conhecimentos pré-definidos a serem transmitidos do educador para o educando. Uma abordagem crítica e transformadora requer uma dinâmica mais envolvente e interativa do conhecimento, para a qual este não é apenas transmitido, mas, sim, adequado e construído, de forma coletiva, contínua e atinente à realidade existencial para a qual se aplica.

Na linha adotada, a menstruação, e demais temas que orbitam esse tópico, é compreendida como tema gerador da formação crítica (Freire, 1987). Adotada sob um enfoque democrático e participativo, essa abordagem é essencial para a sensibilização dos educandos e para a prática social emancipatória, um passo crucial para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Assim, para promover uma abordagem crítica na educação menstrual, é essencial que consideremos os tópicos de saúde menstrual como pontos de partida para reflexões mais abrangentes, e nunca como fins em si mesmos. Para fundamentar temas geradores, recorre-se ao pensamento de Paulo Freire, que fornece tanto bases teóricas como metodológicas possíveis.

Nesse sentido, o objetivo geral da investigação sistematizada no presente manuscrito foi sistematizar o conhecimento que os alunos tinham sobre saúde menstrual, abordando-o como tema gerador. Tal pesquisa envolveu alunos do 8º ano do ensino fundamental, de uma escola estadual, e do cursinho solidário pré-vestibular ofertado

como Projeto de Extensão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (campus Dois Vizinhos), ambas unidades educativas pertencentes ao município de Dois Vizinhos-PR. Os dados foram coletados durante o desenvolvimento de um curso de formação para os mesmos alunos, com base no conhecimento que tinham sobre o tema, com vistas a desmistificar tabus.

Da opção pelo referencial teórico freireano: os temas geradores

Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro conhecido por sua pedagogia inovadora, que priorizava o diálogo e a alfabetização crítica. Ele desenvolveu o que ficou consagrado como “Método Paulo Freire”, que obteve sucesso ao alfabetizar 300 trabalhadores em 45 dias, mas seu trabalho foi interrompido pelo golpe militar de 1964 (Moacir Gadotti e Ana Maria Araújo Freire 1996). Sua experiência em Angicos-RN, no início de 1963, destacou a eficácia de seu método, provocando impacto tanto entre educadores progressistas quanto conservadores.

Freire (1985,) descreve que o mundo ao seu redor se revelava como o universo da sua própria percepção e, conseqüentemente, o mundo das suas primeiras leituras. Em sua perspectiva, as palavras e letras desse contexto se materializavam em várias coisas e objetos, os quais aprendia a compreender ao interagir com seus irmãos e pais e que estavam presentes no canto dos pássaros, movimento canonizado em uma de suas mais conhecidas expressões: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Durante seu exílio, Paulo Freire atuou como assessor de educação no Chile e, mais tarde, como consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Nesse período, escreveu obras importantes que foram lecionadas na Universidade de Genebra, promovendo experiências educacionais em diversas partes do mundo, especialmente em países de língua portuguesa na África (Freire, 1985). Após dezessete anos no exílio, retornou ao Brasil com a anistia.

Retornou para estabelecer residência em São Paulo, onde se tornou professor na PUC-SP e, posteriormente, na Unicamp. Entre 1989 e maio de 1991, assumiu a função de Secretário de Educação na gestão da Prefeita Luiza Erundina na Cidade de São Paulo (Gadotti; Freire, 1996)

Os temas geradores são base na articulação do método freireano, refletindo a maneira com que o autor incorpora uma série de princípios que definem como ele enxergava o conhecimento, a educação e como ela deve ser libertadora em sua proposta

de ensino. No geral, a ideia central é a de que a educação deve ser um processo em que educadores e educandos aprendem juntos, estabelecendo o mundo ao redor como guia. Esse processo, chamado de conscientização, envolve apreender a realidade vivida dos alunos, para que eles possam compreender melhor suas próprias vidas. Isso é bem diferente da educação tradicional, a qual apenas transmite conhecimento dos professores para os alunos, denominada por Paulo Freire como “educação bancária” (Freire, 1996).

O tema gerador consiste em um “disparador”, um primeiro momento que faz parte de um processo mais amplo de educação libertadora, a qual implica questionar profundamente como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo, com o objetivo final de transformar a sociedade, uma vez que, nessa perspectiva, educar envolve, em um primeiro momento, compreender para, em seguida, agir, diante da realidade vivida. É importante enfatizar que a educação, por si só, não garante essa transformação, mas é fundamental para torná-la possível (Freire, 1985; 1987; 1996).

Freire (1987) propôs uma mudança na forma tradicional de ensino em salas de aula, introduzindo o tema gerador em círculos e técnicas de grupo como debates, estudos, ações, fóruns e discussões temáticas. Essas abordagens visavam estimular o debate, peça fundamental na descoberta do conhecimento. O ponto de partida da prática pedagógica consistia na socialização do conhecimento de mundo dos indivíduos. Essas técnicas eram maneiras de problematizar o mundo, ideias e coisas, incentivando uma leitura crítica da realidade (Freire, 1985; 1987; 1996).

Freire (1985) acreditava que era importante que os alunos não apenas aprendessem a ler as palavras, mas também compreendessem o significado delas, tanto social quanto politicamente. Para isso, ele enfatizou a importância de criar um "universo vocabular" que pudesse gerar discussões significativas sobre a realidade em que vivia.

Se trabalhados corretamente, os temas geradores podem contribuir para a superação de uma representação eminentemente pictórica da realidade, que se traduz na reprodução da escrita e da palavra oral como meramente técnicas, isto é, em um uso mecânico e descolado de seu contexto social de dominação ou exploração, passando pela decodificação crítica dessa mesma realidade, que se traduz pela compreensão social dos processos, capazes de refletir os processos de dominação e exploração das estruturas sociais. Eles ajudam a ir além da simples leitura e escrita, alcançando um entendimento crítico da situação (Freire, 1985).

Metodologicamente, importa sublinhar que, nessa perspectiva, o traçado educacional não segue um programa fixo, e a avaliação não se concentra no desempenho

individual, mas no processo de sensibilização coletiva para a qual o diálogo é uma prática fundamental (dialogicidade). Na educação libertadora, o grupo de discussão é uma forma de trabalho central, que envolve conteúdos solicitados, discussão e compartilhamento de descobertas, de forma que todas as etapas emergem com base em temas geradores, que ajudam a decifrar não apenas as palavras, mas também o mundo ao redor, especialmente o contexto social, histórico, político e cultural dos oprimidos em sociedades desiguais.

Menstruação: um breve olhar histórico e social

Para os saberes científicos decorrentes das Ciências Biológicas, a menstruação é um sangramento mensal que marca o início do ciclo reprodutivo das pessoas que têm útero e está relacionado à fertilidade deste corpo, como descrito no Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA 2022).

Embora não se tenham registros precisos sobre o início desse ciclo na história, referências antigas, como os escritos sagrados da Bíblia ocidental, contribuíram para pavimentar um imaginário histórico e simbólico acerca da menstruação, fundamentando-o para além de um simples ato fisiológico e contribuindo para que acerca desse fenômeno fossem criados tabus e mitos, que contribuíram para formas de discriminação e hierarquização social. Nessa investigação, importa sublinhar esses elementos, uma vez que o imaginário de senso comum das sociedades ocidentais não está desatrelado dessas referências.

A exemplo disso, os textos bíblicos sugerem que a menstruação esteve presente desde os primeiros tempos da humanidade e foi associada às punições impostas a Eva devido ao "pecado original" (Sardenberg, 1994). Em outros textos da Bíblia, a menstruação ainda é considerada algo negativo e impuro, como é evidente nos seguintes versículos do livro sagrado dos cristãos:

Levítico 12:2: Diga aos israelitas: Quando uma mulher engravidar e der à luz um menino, ficará impura por sete dias, assim como está impura durante o seu período menstrual (Bíblia sagrada, 2009, p. 102).

Levítico 15:26: Qualquer cama em que ela se deitar enquanto continua o seu fluxo será impura, como acontece com a sua cama durante a sua menstruação, e tudo sobre o que ela se sentar ficará impuro, como durante a sua menstruação (Bíblia sagrada, 2009, pág. 107).

Como se constata, desde 1.450 a.C. já existia o estigma associado ao ciclo menstrual, conforme relatado no livro sagrado cristão. Em vários trechos da Bíblia, a menstruação é retratada de maneira desfavorável, sendo considerada algo impuro. Essa percepção negativa se atualizou, ao longo dos séculos, e ainda influencia algumas visões contemporâneas sobre a menstruação, de modo que sua retomada pode contribuir para a compreensão das representações de alunos (que seguem ou não as doutrinas cristãs) acerca da menstruação.

As práticas de discriminação e hierarquização, contudo, vão além dos textos sagrados. Historicamente Thomas Laqueur (2001) destaca que foi criada uma divisão de gênero que a ciência do século XIX contribuiu para fortalecer. Até o século XVIII na cultura ocidental, prevalecia a ideia de um único modelo de sexo, influenciado desde a Grécia clássica, que considerava o corpo masculino como o padrão.

Conforme Laila Pissinati (2018), na Idade Média, a crença de que as pessoas que menstruavam ocupavam uma posição social inferior estava diretamente ligada às características do denominado corpo feminino, como descritas em tratamentos médicos da época, que, muitas vezes, promoviam desinformação e mistificação em relação ao corpo das mulheres cisgênero³. Desta forma, houve uma interpretação enviesada, mas intencional, de que essas pessoas eram perigosas durante o período menstrual, levando à propagação da ideia de que:

As mulheres são totalmente venenosas no período de sua menstruação que elas envenenam animais pelo seu olhar; elas infectam crianças no berço; elas mancham o mais limpo espelho; e sempre que um homem teve relações sexuais com elas, elas ocorrem leprosos e algumas vezes cancerosos (Pseudo-Alberto, 1992 apud Pissinati, 2018, p. 4).

Também considerando a obra "Menstruação, a sangria inútil", de Coutinho (1996), tem-se como registro histórico que, na pré-história, a primeira menstruação (menarca), ocorrida por volta dos 18 anos, era um fato atrelado à necessidade de atingir um peso corporal específico para desencadear mudanças hormonais. Naquela época, havia escassez de alimentos e subnutrição, o que impactava a maturação do corpo. Além disso, não existiam normas regulamentares em relação à sexualidade, o que levava a gravidezes precoces nos primeiros ciclos menstruais. Isso resultou em longos intervalos entre as

³ O termo se refere à pessoa cuja identidade de gênero se identifica com o sexo biológico.

menstruações devido à amamentação, criando um ciclo repetitivo até a morte, considerando a expectativa de vida média.

A mesma obra também faz referência à compreensão de que, desde a Grécia Antiga, Hipócrates via o ciclo menstrual como uma forma natural de o corpo feminino se livrar regularmente de impurezas em sangue. Portanto, é antiga a ideia de que compreender e sensibilizar-se sobre a menstruação são requisitos cruciais para a saúde dos corpos que menstruam.

Como a intenção, aqui, não é resgatar a totalidade das representações acerca da menstruação ao longo da história, mas, sim, visibilizar alguns recortes que podem orientar concepções ainda presentes no contemporâneo, abordar-se-ão, agora, alguns elementos que caracterizam a modernidade.

Nos anos finais da década de 1990 e nos primeiros anos do século seguinte, surge um encorajamento e uma popularidade crescente do uso de pílulas e injeções de progesterona, que são as mesmas empregadas para contracepção, causando a supressão da menstruação (Jade Ferraz e Cláudia Grangeiro, 2023). Nesse novo limiar da história, as relações entre Ciências, Tecnologia, Técnica e dinâmicas sociais se intensificam, de forma que os processos que conhecemos hoje não podem ser mais compreendidos sem que uma dessas componentes seja retirada de sua trama complexa (Hermets Araújo, 1998).

Autores contemporâneos, trazidos no debate a seguir, argumentam que compreender a evolução da percepção sobre a menstruação, ao longo da história, é essencial para desmistificar os estigmas e promover a saúde e o bem-estar das pessoas, uma vez que muitos deles, por diversos fatores, persistem na contemporaneidade.

De acordo com Laura Vomero (2022), em 2014, o deputado Jair Messias Bolsonaro, que mais tarde chegou a ser presidente do Brasil por um mandato, declarou a uma deputada que ela “não merecia ser estuprada” (G1, 2016). Suas palavras e ações, ao longo de seu mandato, refletiram uma mentalidade que desvaloriza as pessoas que têm útero. Isso ficou evidente quando ele fez um relato inapropriado sobre sua própria experiência como pai de uma filha mulher, insinuando que ter uma filha mulher era uma fraqueza, compreensão traduzida em uma de suas declarações públicas: “Dei uma fraquejada” (OPOVO, 2017). Mesmo com essas falas mencionadas acima, entre outros preconceitos, Jair Bolsonaro quase foi reeleito presidente em 2022, com 58.206.354 votos (Brasil, 2022).

A partir desse resumo histórico, é possível perceber que, juntamente à ideia de preservação das tradições, também existem tradições culturais coloniais que desempenham um papel importante (Vomero, 2022). Isso ajuda a entender de onde vêm e como continuam a afetar algumas formas de violência que persistem na sociedade atual (Vomero, 2022). Essas formas de violência são frequentemente mantidas para preservar uma série de outras instituições que orbitam esses processos de hierarquia e subjugação patriarcal, como a estrutura econômica, emocional, cultural e social que têm raízes ainda nutridas por essa sociedade capitalista, agora em sua fase neoliberal (Wendy Brown, 2019).

Nesse debate, vale citar que o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), que se dedica ao desenvolvimento populacional com foco em saúde sexual, reprodutiva, igualdade de gênero, diversidade racial e juventude, junto ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que trabalha para garantir os direitos de todas as crianças e adolescentes, divulgou o Relatório sobre a "Pobreza Menstrual Experimentada por Meninas Brasileiras".

O UNFPA (2022) destaca a relação entre a dignidade menstrual e o acesso à água e ao saneamento adequado em casa e na escola. Os dados mostram que, no Brasil, crianças e adolescentes que menstruam têm seus direitos à educação de qualidade, moradia adequada e saúde, incluindo saúde sexual e reprodutiva, violados quando não têm acesso adequado à água, saneamento e higiene nos locais onde vivem e passam grande parte de suas vidas (UNFPA, 2022).

Conforme consta no documento, a pobreza menstrual envolve muitos obstáculos para obter acesso a direitos e cuidados de saúde. Isso significa que meninas, mulheres, homens trans e pessoas não binárias que menstruam enfrentam desigualdades de acesso a direitos e oportunidades. Essas dificuldades são fundamentais para a continuidade de desigualdades entre gerações, as quais estão relacionadas ao gênero, raça e classe social, e também têm um impacto negativo no percurso educacional e profissional dessas pessoas (UNFPA, 2022).

O documento deixa claro que a questão da pobreza menstrual é complexa e abrangente, devido à falta de acesso a recursos, instalações e informações para gerenciar a menstruação. Muitas vezes, esse tema é desconhecido ou, se houver alguma compreensão, é visto como um problema distante da realidade brasileira.

Ainda é evidenciado no relatório que é comum pensar que a pobreza menstrual afeta apenas países que são considerados muito pobres, esquecendo da situação das pessoas

encarceradas no contexto brasileiro e, também, desconsiderando a situação das que vivem em condições de pobreza e vulnerabilidade, mesmo nas grandes cidades, onde têm dificuldade de acesso a serviços básicos de saneamento, recursos de higiene e até mesmo informações sobre seus próprios corpos.

O UNFPA (2022) explica que não falar abertamente sobre menstruação já é uma forma de abordar o tema, abordagem esta que perpetua preconceitos e tabus. A literatura também já reconhece que usar eufemismos para evitar mencionar categoricamente o termo “menstruação” empobrece a prática pedagógica, prejudicando, conseqüentemente, as pessoas que menstruam (UNFPA, 2022). Isso impõe restrições culturais, como a ideia de que meninas agora são “mulheres” e devem se comportar de certa maneira, quando, na verdade, são crianças. Essa abordagem responsabiliza o indivíduo, em benefício do sistema e da estrutura da qual ele faz parte. Essa falta de abertura pode gerar sentimentos de vergonha e limitar a participação em atividades e interações essenciais para o desenvolvimento (UNFPA, 2022).

Diante do exposto, é evidente que a menstruação não é apenas um processo fisiológico, mas uma narrativa que contém estigmas e preconceitos enraizados em nossa sociedade. Apesar dos avanços, persistem barreiras que limitam o pleno entendimento e a acessibilidade da compreensão desse ciclo natural. É indispensável, portanto, promover a educação menstrual e problematizar os tabus que ainda envolvem esse tema. Somente através da sensibilização e da quebra de padrões enraizados, é possível criar um ambiente mais inclusivo e igualitário para todas as pessoas. É preciso construir um futuro no qual a menstruação seja vista não como um fardo, mas como parte integrante da experiência humana.

Saúde Menstrual Como Tema Gerador

Freire (1985) compartilha que, ao ouvir pela primeira vez a palavra “conscientização”, ele compreendeu de imediato o quão profundo era o seu significado. Ele foi completamente convencido de que a educação, como uma prática de liberdade, envolve entender, de maneira crítica, a realidade habitada, mas, também, voltar a ela, munido dos instrumentos que a decodificam. Assim, a conscientização envolve agir, refletir e agir novamente, formando um ciclo dialógico.

No início do processo educativo, o educador (1985) explica que as pessoas não veem a realidade da forma crítica. Quando se aproximam do mundo, o fazem de maneira

ingênua. Nesse primeiro nível, as pessoas simplesmente experimentam a realidade em que estão e procuram entendê-la sem ferramentas mais elaboradas. Nesse sentido, pode-se afirmar que, neste nível, ainda não existe o processo de conscientização, pois a mesma envolve uma compreensão crítica da tomada de consciência. Para alcançar a conscientização, é preciso ir além do que Freire designa por curiosidade ingênua, passando pela curiosidade epistemológica, isto é, crítica, na qual a realidade pode ser compreendida e as pessoas adotam uma postura de busca do conhecimento (Freire, 1985).

A conscientização é um processo ativo de reflexão e ação que envolve escolhas políticas e a integração de conhecimentos e valores para transformar as relações sociais. À luz desse instrumental conceitual para a educação menstrual, busca-se mudar a forma como as pessoas se relacionam com a menstruação e promover uma sociedade mais sensibilizada e saudável, o que significa uma elaboração que vá além dos marcadores históricos apresentados anteriormente que atrelaram menstruação a tabu.

Desse modo, argumenta-se que, no intuito de provocar uma sensibilização capaz de promover a transitividade da curiosidade ingênua para a epistemológica na educação menstrual, não basta que uma proposta pedagógica se resuma a conhecimentos adquiridos sobre o corpo, sob uma abordagem anátomo-fisiológica de seus processos. Quando se fala sobre o corpo humano e questões relacionadas à sexualidade no Ensino de Ciências, geralmente, adota-se uma abordagem biológico-higienista, e os próprios documentos oficiais que instituem a educação nacional contribuem para sua manutenção.

Isso ocorre, porque a irrupção do primeiro documento referido ocorreu em um contexto histórico bastante específico: o primeiro volume dos PCN (2000), destinado à discussão sobre a orientação sexual na educação básica, emergiu como resposta a um problema histórico singular da sociedade brasileira: a caracterização dos anos 1980 e sua demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas, em virtude da preocupação dos educadores com o crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes, bem como o risco da infecção pelo HIV (vírus da Aids) entre os jovens. São elucidativas as considerações sobre este documento:

Embora tragam uma proposta mais aberta e transversal dos saberes e conhecimentos sobre a sexualidade, os próprios PCN endossam, no decorrer de suas afirmações e justificativas, uma perspectiva de educação sexual dentro de um enfoque prescritivo, enviesado pela biologia do corpo e centrado na genitalidade (Carvalho; Bertolli-Filho, 2011, p. 8).

Essa perspectiva contribuiu para edificar uma compreensão ingenuamente biologista de sexualidade, relacionando-a intimamente com muitos dos tópicos das disciplinas de Biologia e Ciências, a partir dos quais abriram precedentes para a interpretação equivocada, segundo a qual falar em saúde menstrual resume-se a abordar órgãos genitais e processos fisiológicos, deixando em segundo plano temas extremamente correlatos, como as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com útero no Brasil, a pobreza, inclusive a menstrual, a falta de acesso aos sistemas de saúde etc.

Também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) para o Ensino de Ciências, mais precisamente no documento voltado ao 8º ano do ensino fundamental, atualiza a premissa esboçada anteriormente no documento PCN– orientação sexual. O documento mais recente também não cita explicitamente a terminologia saúde menstrual, de forma que as habilidades encabeçadas no documento são bastante amplas, deixando interpretações em aberto, como pode ser constatado nas habilidades:

Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso. Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (Brasil, 2017, p. 349).

Conforme Jimena Furlani (2011), a abordagem encabeçada por tais documentos concentra-se na Biologia essencialista, a qual se ancora no determinismo biológico, e traz tópicos como reprodução humana, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs⁴), prevenção de gravidezes precoces ou indesejadas, bem como conhecimentos limitados à Biologia. Furlani (2010) complementa que parte significativa do ensino brasileiro tende a adotar a abordagem mencionada acima.

Assim, ao abordar a menstruação, a saúde menstrual e a educação menstrual como temas geradores de processos educativos, faz-se essencial considerar duas questões fundamentais: (1) esses temas devem ser relevantes para as pessoas envolvidas e (2)

⁴ Houve alteração da sigla Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) para Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), dado que nem todos os processos de infecção resultam em sintomas aparentes, o que caracteriza, necessariamente, a definição de doença.

devem provocar reflexão crítica. Isso significa que se deve utilizar esses temas como ponto de partida para discutir questões mais amplas relacionadas aos desafios que enfrentamos no contexto da menstruação, como tabus e desigualdades de gênero e raça.

Os tópicos frequentemente abordados, como ciclo menstrual, higiene menstrual, acesso a produtos menstruais, entre outros, só se tornam verdadeiramente significativos para os sujeitos da educação, quando a abordagem puramente informativa é deixada de lado, para relacionar tais tópicos a questões mais amplas e transformadoras da sociedade em que vivem.

Procedimentos Metodológicos

O planejamento e a realização das tarefas na pesquisa empírica, bem como a coleta e a análise dos dados subsequentes, foram baseados em uma abordagem quali-quantitativa. Com base na concepção de Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) sobre pesquisa quali-quantitativa, este estudo se concentrou mais nos processos envolvidos do que nos resultados específicos da investigação, e esses processos não foram avaliados em termos de números ou frequência (Robert Bogdan; Sari Biklen, 1994).

A pesquisa-intervenção centralizou-se na interação entre a pesquisadora e os participantes, sendo essa interação crucial para a condução do estudo. O objetivo não foi apenas coletar dados, mas também influenciar de maneira eficaz a relação entre sujeito e objeto da pesquisa. Maria Moreira (2008) destaca dois princípios que guiam a pesquisa-intervenção: a consideração das realidades sociais e cotidianas, e o compromisso ético e político na geração de práticas inovadoras. Assim, a autora enfatizou a importância de a pesquisa ter ocorrido no ambiente em estudo, com o pesquisador participante como mediador, bem como sua interação ativa com os sujeitos da pesquisa, coadunando-se com os princípios teóricos freireanos.

O projeto de formação foi aplicado com uma turma do 8º ano do ensino fundamental, de uma escola estadual, e uma turma de alunos do cursinho solidário pré-vestibular, ambos do município de Dois Vizinhos, Paraná. Para a aplicação, o tema gerador foi saúde menstrual, e como procedimento metodológico para coleta de dados utilizou-se a plataforma *Google Forms* para a aplicação de dois questionários fornecidos aos alunos, permitindo que os educandos respondessem às perguntas de forma anônima.

O primeiro questionário teve o objetivo de explorar diversos aspectos relacionados à compreensão e abordagem da menstruação em diferentes contextos. Compunham tal

questionário as seguintes perguntas: (1) Gênero: (2) Você sabe o que é menstruação? (3) Você se sente constrangido/a ao falar sobre menstruação? (4) Você discute abertamente sobre menstruação com amigos ou familiares? (5) Você se sente desconfortável ao comprar produtos menstruais, como absorventes? (6) Você fala sobre menstruação com pessoas do sexo oposto? (7) Você acha que a menstruação é um assunto que deve ser tratado de forma discreta e privada? (8) Você evita participar de conversas sobre menstruação mesmo quando se sente curiosa/o ou precisa de informações? (9) Você sente que a menstruação é um tema tabu para sua família e amigos? (10) Você entende que a menstruação é um processo natural do corpo de pessoas que têm útero? (11) Pessoas grávidas menstruam? (12) Você conhece coletor menstrual? (13) É possível engravidar durante o período menstrual? (14) Deixe uma sugestão do que você gostaria de saber sobre esse assunto, alguma dúvida ou pergunta.

O intuito foi conhecer desde a percepção individual dos alunos sobre o próprio gênero até a forma como a menstruação era encarada no âmbito social. Questões específicas abordaram a familiaridade com o conceito de menstruação, a possível existência de constrangimentos ao falar sobre o tema e as atitudes em relação à discussão aberta sobre menstruação com amigos e familiares. Além disso, o questionário investigou sentimentos associados à compra de produtos menstruais, como absorventes e, também, propunha a abertura de diálogo sobre como a menstruação poderia ser tratada por pessoas de gêneros opostos. A privacidade em torno do assunto, a percepção de tabus relacionados à menstruação e a compreensão de aspectos biológicos e emocionais também foram abordados. Como tema gerador aplicado, os alunos fizeram uma sugestão sobre o que gostariam de saber sobre esse assunto, se tinham alguma dúvida ou pergunta.

Com base nos dados coletados no primeiro questionário, foi elaborado um roteiro que apresentou dados sistematizados, utilizando artigos científicos e materiais pedagógicos, com explicações sobre a menstruação na perspectiva fisiológica, social e ambiental. As perguntas feitas também foram respondidas conforme solicitado. Os dados foram analisados conforme a Análise de Conteúdo (AC) de linha francesa (Laurence Bardin, 2006).

O encontro presencial com as turmas foi realizado em sala de aula, com as cadeiras organizadas em círculo, obedecendo às implicações do círculo dialógico de cultura freireana. Uma conversa foi iniciada da maneira mais informal possível, respondendo às perguntas feitas anteriormente, complementando com os conteúdos pesquisados e

discutindo questionamentos que apareciam espontaneamente no decorrer deste processo. No final desse circuito, foi disponibilizado um segundo questionário.

A aplicação do segundo questionário teve um caráter comparativo em relação ao conhecimento construído após o diálogo realizado em sala de aula, durante a formação em saúde menstrual. Buscou-se captar a experiência individual de cada participante. Compunham tal questionário as seguintes perguntas: (1) Você participaria de mais rodas de conversa com temas de saúde que são considerados um tabu? (2) Essa conversa conseguiu esclarecer suas dúvidas sobre menstruação? (3) Você se sentiu confortável durante a conversa que tivemos? (4) Você se sentiu à vontade em fazer perguntas durante a conversa que tivemos? (5) Você se sente à vontade de dividir o que sabe agora sobre menstruação com a sua família e amigos? (6) Há alguma curiosidade/assunto sobre o tema que você gostaria de saber, além do comentado? (7) Deixe sugestões de temas relacionados à saúde que você gostaria de saber da mesma forma que foi tratado o tema de saúde menstrual. (8) Descreva em uma palavra a roda de conversa sobre Saúde Menstrual.

Assim, esse segundo bloco de perguntas abordava aspectos como um possível interesse futuro em participar de rodas de conversa atinentes a tópicos de saúde, bem como visava verificar a eficácia da discussão para esclarecer dúvidas sobre menstruação, o conforto e a vontade de fazer perguntas durante o diálogo. Além disso, o questionário explorou a disposição em compartilhar conhecimentos adquiridos com a família e amigos, identificou se surgiram novas dúvidas e ofereceu espaço para sugestões de novos temas geradores relacionados à saúde.

Após transcrição e ponderação das respostas dos entrevistados, os campos que a pesquisa abrangeu foram categorizados da seguinte forma: (1) Rompimento com a perenização da saúde menstrual como tabu, pela população mais jovem; (2) Conflitos geracionais acerca do debate da temática e (3) Aceitação mais ampla de tecnologias menstruais e preocupação ambiental, pela população mais jovem.

Resultados e discussão

Quanto ao primeiro questionário, aplicado ao 8º ano do Ensino Fundamental, dentre os 9 alunos que responderam ao questionário, seis são do gênero masculino e três do gênero feminino. Quando questionados se sabiam o que é menstruação, sete alunos responderam que sim e dois disseram que talvez.

Em relação ao constrangimento ao falar sobre menstruação, seis alunos afirmaram que não se sentem constrangidos, enquanto três disseram que sim. No entanto, apenas um aluno relatou discutir abertamente sobre menstruação com amigos ou familiares; os outros oito responderam que não.

Ao serem perguntados sobre o desconforto ao comprar produtos menstruais, como absorventes, oito alunos afirmaram que não se sentem desconfortáveis, e apenas um disse que sim. Três alunos mencionaram que falam sobre menstruação com pessoas do sexo oposto, enquanto seis afirmaram que não.

A maioria dos alunos (oito) acredita que a menstruação não deve ser tratada de forma discreta e privada, enquanto um aluno acha que deve. Sobre evitar conversas sobre menstruação, mesmo quando sentem curiosidade ou precisam de informações, sete alunos responderam que não, um disse que às vezes evita, e outro disse que sim.

Quando questionados se sentem que a menstruação é um tema tabu para sua família e amigos, cinco alunos disseram que não, enquanto quatro afirmaram que sim. Todos os alunos, sem exceção, concordam que a menstruação é um processo natural do corpo de pessoas que têm útero.

A questão sobre menstruação em pessoas grávidas teve sete respostas negativas e duas afirmativas. Quanto ao conhecimento sobre o coletor menstrual, quatro alunos disseram que conhecem, enquanto cinco afirmaram que não.

Sobre a possibilidade de engravidar durante o período menstrual, seis alunos responderam que sim e três que não.

Por fim, os alunos foram convidados a deixar sugestões ou perguntas sobre o tema que foi denominado como Tema Gerador. Alguns comentários incluíram dúvidas sobre o motivo de homens responderem a perguntas sobre menstruação, questões sobre ejacular cedo e sua relação com problemas de fertilidade, preocupações sobre AIDS e “gravidez precoce”, dentre outras perguntas sobre gêmeos, retirada do útero e o término da menstruação.

Quanto ao primeiro questionário aplicado aos alunos do cursinho pré-vestibular, houve participação de 19 alunos. Em relação ao gênero dos respondentes, 14 se identificaram como femininos, quatro como masculinos e um assinalou a opção outro. Quando perguntados se sabiam o que é menstruação, 18 alunos responderam que sim, enquanto um aluno afirmou que não.

Sobre se sentirem constrangidos ao falar sobre menstruação, 11 alunos disseram que não, enquanto cinco indicaram que "talvez" e três responderam que sim. Quanto a

discutir abertamente sobre menstruação com amigos ou familiares, 11 alunos afirmaram que sim e oito disseram que não.

Perguntados sobre o desconforto ao comprar produtos menstruais, como absorventes, 14 alunos disseram que não sentem desconforto, enquanto cinco afirmaram que sim. Em relação a falar sobre menstruação com pessoas do sexo oposto, 11 alunos responderam que sim, e oito disseram que não.

No que diz respeito a tratar a menstruação de forma discreta e privada, 13 alunos acreditam que não deve ser tratada dessa forma, enquanto seis acham que sim. Quando perguntados se evitam participar de conversas sobre menstruação, mesmo quando sentem curiosidade ou precisam de informações, nove alunos disseram que não evitam, cinco responderam que evitam "às vezes" e cinco afirmaram que sim.

Sobre o tema da menstruação ser um tabu para família e amigos, nove alunos disseram que não consideram a menstruação um tabu, enquanto dez indicaram que sim. No entanto, 18 dos 19 alunos concordam que a menstruação é um processo natural do corpo de pessoas que têm útero, com apenas um aluno discordando.

Em relação à questão da menstruação em pessoas grávidas, 16 alunos responderam que não, enquanto três disseram que sim. Sobre o conhecimento do coletor menstrual, 17 alunos afirmaram que conhecem o produto, enquanto dois disseram que não.

Quanto à possibilidade de engravidar durante o período menstrual, 14 alunos acreditam que sim, enquanto cinco acham que não.

Por fim, os alunos foram convidados a deixar sugestões ou perguntas sobre o tema denominado, aqui, como Tema Gerador. Alguns expressaram interesse em saber mais sobre hábitos que podem causar cólicas menstruais fortes, como abordar o tema de forma mais aberta e sem tabus, e como informar meninas pré-adolescentes sobre menstruação. Outras dúvidas incluíram o período fértil, o processo menstrual, atrasos menstruais e como a menstruação afeta psicologicamente as mulheres. Além disso, alguns alunos sugeriram discutir mais sobre o uso de coletores menstruais versus absorventes.

O segundo questionário aplicado ao 8º ano do ensino fundamental objetivou avaliar a experiência dos alunos após uma roda de conversa. Quando questionados sobre sua possível participação em mais rodas de conversa sobre temas de saúde e tabus, nove alunos manifestaram interesse, enquanto quatro disseram "talvez" e dois responderam que não.

Quando questionados se a conversa conseguiu esclarecer suas dúvidas sobre menstruação, a maioria dos alunos, nove ao todo, respondeu que foi "muito" esclarecedora; enquanto três alunos avaliaram o nível de esclarecimento como "médio".

Quanto ao conforto durante a conversa, oito alunos se sentiram "muito" confortáveis, enquanto cinco disseram que se sentiram "médio", e um aluno respondeu que se sentiu "pouco" confortável. Ao serem perguntados sobre sentir-se à vontade para fazer perguntas durante a conversa, sete alunos responderam "muito", cinco disseram "médio", e dois disseram "pouco".

Em relação a dividir o que aprenderam sobre menstruação com família e amigos, quatro alunos disseram que se sentiam "muito" à vontade, enquanto quatro responderam "médio" e seis disseram "pouco".

Quando perguntados sobre curiosidades ou assuntos adicionais que gostariam de aprender, houve heterogeneidade nas respostas. Alguns alunos expressaram interesse em aprender mais sobre gravidez e seus efeitos no corpo, enquanto a maioria afirmou que não tinha mais dúvidas ou curiosidades sobre o tema discutido.

Sobre sugestões de temas relacionados à saúde que gostariam de explorar de forma similar, os alunos propuseram temas como educação sexual, saúde mental, gravidez, infecções urinárias e os efeitos do tabagismo e do consumo de álcool na saúde. Alguns alunos também sugeriram temas inusitados, que não tinham relação direta com o tema da formação, como o que há no centro do Polo Norte.

Ao descrever a roda de conversa sobre saúde menstrual em uma palavra, os alunos usaram termos como "enriquecedor", "conforto", "interessante", "legal", "esclarecedora", "aprendizagem" e "sabedoria".

Quanto ao segundo questionário aplicado aos alunos do cursinho pré-vestibular para avaliar suas percepções após a roda de conversa, quando questionados sobre a participação em mais rodas de conversa sobre temas de saúde tabus, obteve-se os seguintes resultados: sete responderam "sim", cinco disseram "talvez" e dois responderam "não".

Sobre se a conversa conseguiu esclarecer suas dúvidas sobre menstruação, quatro alunos afirmaram que foi "muito" esclarecedora, enquanto cinco consideraram o esclarecimento como "médio" e dois como "pouco".

Em relação ao conforto durante a conversa, sete alunos disseram que se sentiram "muito" confortáveis, enquanto quatro indicaram que se sentiram "médio" e três afirmaram que se sentiram "pouco" confortáveis.

Quanto a sentir-se à vontade para fazer perguntas durante a conversa, cinco alunos responderam "pouco", cinco disseram "médio", e quatro afirmaram que se sentiram "muito" à vontade.

Em relação a compartilhar o que aprenderam sobre menstruação com família e amigos, dois alunos se sentiram "muito" à vontade, enquanto quatro disseram "médio" e sete responderam "pouco".

Ao serem perguntados sobre curiosidades ou assuntos adicionais que gostariam de aprender, alguns alunos expressaram interesse em tópicos como atraso menstrual, o uso de coletores menstruais, a sincronização dos ciclos menstruais, e o que fazer quando a menstruação não se regulariza após vários anos. A maioria, no entanto, não tinha mais dúvidas ou curiosidades além do que foi comentado.

Sobre sugestões de temas relacionados à saúde que gostariam de explorar de forma similar, os alunos sugeriram tópicos como hormônios, saúde mental, higiene, saúde peniana, sexo, câncer e remédios naturais.

Ao descrever a roda de conversa sobre saúde menstrual em uma palavra, os alunos usaram termos como "desconfortável", "essencial", "legal", "produtiva", "perfeita", "conhecimento", "interessante", "incrível", "informativo", entre outros.

A análise dos dados inclina-se à uma perspectiva histórica mais progressista de sociedade, com vieses e entraves em algumas questões específicas. No que concerne a falar sobre menstruação, predominaram respostas nas quais a maioria considerável dos respondentes – tanto os do ensino fundamental como os participantes do cursinho pré-vestibular – afirma não se sentir constrangida. Esse dado denota uma transição histórica, evidenciando que, para segmentos jovens da sociedade brasileira, não faz mais sentido que o tema seja considerado tabu.

Essa transição entre gerações está documentada na literatura (Mundim; Souza; Gama, 2021). Mundim, Souza e Gama (2021) analisam que o público de gênero feminino rompeu, consideravelmente, com a perenização do estigma tabu menstrual. Ainda com base nos mesmos autores, estão associadas a essa transição – de parte da população estar aberta para debater saúde menstrual – o rompimento/relativização com a concepção de mulher como puramente reprodutora, a ampliação das formas de significar a compreensão de “impureza”, a ascensão das mídias sociais como circuitos alternativos de informação acessados pelo público em idade escolar, bem como uma aceitação mais ampla do uso das tecnologias voltadas aos benefícios da saúde menstrual. Na mesma linha, Barbara Walker (1993) analisa essa transição alinhando-a a um recorte histórico correspondente à

representatividade das mulheres em instituições resistentes à sua presença, como as igrejas. Nesse sentido, a transição para o nosso século, acompanhada, mesmo que de forma relativa, da mudança nas hierarquias que subverteram instituições capitaneadas por homens, possibilitou a ascensão de discursividades provenientes de pessoas que menstruam, ao passo que as gerações anteriores acessavam esses discursos com base nas instituições médicas. Assim, a mudança de outras instituições, que não necessariamente a escola, resvala na maneira com que a geração atual em idade escolar estabelece sentidos com o mundo.

Ainda que seja notada uma prevalência da normalização do assunto, vale complementar que o processo de naturalização, apropriação, reconhecimento e aceitação da menstruação é diferente para cada menina, já que cada uma apresenta um ciclo e uma vivência particular (Amaral, 2003).

A maioria dos respondentes também afirma saber do que se trata a menstruação, o que contribui para a compreensão da mesma como um processo natural dos organismos de pessoas que menstruam. Tal compreensão resvala na ausência de desconforto a respeito da compra de produtos menstruais, uma vez que a ideia de vergonha passa a não fazer mais sentido, já que todo organismo que menstrua precisa, em tese, desse consumo.

Apesar da inclinação no interesse progressista dos mais jovens, aparece o dado de que a maioria – tanto os do ensino fundamental como os participantes do cursinho pré-vestibular – não discute a temática com familiares, o que pode denotar um conflito geracional sobre como diferentes faixas etárias atribuem significado a mesma temática (Mundim; Souza; Gama, 2021), como já explorado anteriormente.

De forma significativa, tanto respondentes do ensino fundamental como os participantes do cursinho pré-vestibular manifestam conhecimento sobre o coletor menstrual, evidenciando que posições engajadas com o meio ambiente se fazem presentes no público investigado. Como investigado por Viana (2023), mesmo com a adaptação do mercado, que passou a produzir absorventes sustentáveis, tem crescido a procura por alternativas ao absorvente, uma vez que, com as discussões acerca das pautas ambientais acirradas, esse produto passou a ser associado com produção de resíduos. Apesar disso, as pessoas ainda tendem a optar pela versão descartável (Viana, 2023), o que demonstra que essa transição teve início, mas ainda demanda um trabalho mais intenso de conscientização para as opções alternativas atuais.

Sobre se sentirem à vontade durante a formação, também se analisa um caminho de condutas não-lineares, uma vez que a maioria que acusa ter se sentido à vontade durante

a formação contrasta-se ao dado de que uma maioria não se sentiu à vontade para fazer perguntas. Com base no referencial teórico adotado, isso pode denotar que o processo de transitividade da curiosidade ingênua para a epistemológica teve início, mas não está consolidado, uma vez que a atitude de fazer perguntas faz parte do processo de curiosidade epistemológica (Freire, 1985). Mas, também é possível interpretar que tal dado pode ser reflexo da pedagogia bancária (1970), abordada anos a fio, nas instituições de ensino frequentadas por esses jovens, uma vez que uma de suas características é a prática pedagógica centralizada na figura do professor, bem como o desestímulo à prática do questionamento dos fenômenos do mundo.

Considerações Finais

O objetivo desta investigação foi sistematizar o conhecimento que os alunos participantes tinham sobre saúde menstrual, abordando-o como tema gerador, fundamentado no pensamento freireano.

Durante a formação, que serviu de base para a produção e coleta dos dados analisados, percebeu-se que o enfoque democrático e participativo, decorrente da abordagem da saúde menstrual como tema gerador, permitiu uma participação espontânea e dialógica dos participantes, ainda que parte desses tenham respondido que não se sentiram à vontade, na questão que compunha o questionário. Analisa-se que ainda existe um “ranço” da educação bancária nas instituições de ensino, resvalando na posição desses jovens diante do conhecimento investigado.

Apesar desse ranço, os resultados encontrados na investigação demonstraram uma série de avanços com relação à abordagem restritiva em educação para a saúde menstrual, uma vez que a maior parte dos jovens respondentes manifesta uma posição de não constrangimento ao falar sobre menstruação, ou de não desconforto ao comprar algum produto menstrual ou, ainda, de que essa temática não deve ser tratada de forma discreta e privada. Parte disso decorre da transformação de uma série de instituições, para além da escola, que passaram a ser menos restritivas com relação à admissão dos corpos que menstruam, não mais lidos pela chancela do “pecado original” ou como subordinados pela leitura científica binária, para a qual o corpo daqueles que não menstruam está entronizado como padrão. Nessa mesma linha, a amostra selecionada aponta para um recorte histórico correspondente ao aumento da representatividade das mulheres nas instituições sociais.

Contudo, são necessários alguns elementos para afirmar que há, de fato, uma realidade crítica com relação ao tema. Fundamenta essa afirmação o achado de que as famílias e amigos dos participantes ainda oferecem resistência ao tema. Ainda existe um forte recorte geracional, sobretudo dos mais velhos que tendem a ser mais resistentes à discussão da temática, o que permite concluir que o processo de transitividade da curiosidade ingênua para a epistemológica teve início, mas necessita de ações contínuas para que se atinja, de fato, o que apregoa a perspectiva libertária de educação, centralizada na figura do cidadão crítico, que age transformando o entorno existencial do qual faz parte.

Referências

AMARAL, M. C. E. *Percepção e significado da menstruação para as mulheres*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

ARAÚJO, H. R. *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FERRAZ, J. L. A.; GRANGEIRO, C. R. P. A sangria inútil: uma análise do discurso médico sobre menstruação na obra do Dr. Elsimar Coutinho. *DISCURSIVIDADES*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e1212307, 2023. DOI: 10.29327/256399.12.1-5. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/1486>. Acesso em: 30 out. 2023.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977).

BÍBLIA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. 100% das seções totalizadas: confira como ficou o quadro eleitoral após o 2º turno. Tribunal Superior Eleitoral, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno>. Acesso em: 26 ago. 2024.

BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. *Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências*. 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1652-1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

COUTINHO, E. M. *Menstruação, a sangria inútil: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e sofrimentos da mulher*. São Paulo: Editora Gente, 1996.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). *Pobreza menstrual no Brasil*. 2022. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/pobrezamenstrualnobrasil.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

FURLANI, J. Gêneros e sexualidades – problematizando a educação e processos de produção de conhecimento. *Periódicos UFSC*, v. 12, n. 2, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18682>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FURLANI, J. *Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GADOTTI, M.; FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire/Unesco, 1996.

G1. STF aceita rejeição contra Jair Bolsonaro por incitar estupro. *Bom dia Brasil*, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/06/stf-aceita-denuncia-contra-jair-bolsonaro-por-incitar-estupro.html>. Acesso em: 2 nov. 2023.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-intervenção: especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: NAU, 2008.

MUNDIM, M. L. E.; SOUZA, M. P. L. de; GAMA, V. C. Transformação da percepção da menstruação entre gerações. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 229-247, 2021.

OPOVO. Bolsonaro diz que teve filha mulher 'por fraquejada'. *O Povo*, 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2017/04/bolsonaro-diz-que-teve-filha-mulher-por-fraquejada.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Paulo Freire: Patrono da Educação Brasileira. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 24 out. 2023.

PISSINATI, L. L. Sobre os segredos das mulheres: a representação do corpo feminino na medicina ocidental do século XIII. *Anais da Semana de História*, 2018.

SARDENBERG, C. M. B. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, p. 315-344, 2. sem. 1994.

SILVA, D. A. Abordagem da menstruação nas dissertações de Educação Sexual: algumas reflexões. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Programa de Pós-Graduação em Educação sexual da Faculdade de Ciências e Letras UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Araraquara, 2022.

VIANA, E. M. *O uso de opções sustentáveis durante o ciclo menstrual: possíveis impactos para a redução dos resíduos sólidos*. Recife: O autor, 2023.

VIEIRA, E. M. *A Medicalização do Corpo Feminino*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

VOMERO, L. de S. Z. Decolonizando o conceito de reconhecimento (EU-TU). *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 30, 2022. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/576>. Acesso em: 2 nov. 2023.

WALKER, B. G. *Dicionário dos Símbolos e Objectos Sagrados da Mulher*. Lisboa: Planeta, 1993.

Recebido em outubro de 2024.
Aprovado em dezembro de 2024.